



UEPB

UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA

CAMPUS I

CENTRO DE EDUCAÇÃO

DEPARTAMENTO DE LETRAS E ARTES

CURSO DE GRADUAÇÃO EM LETRAS

ARMISTRONG DE ARAÚJO SOUTO

**A DESSACRALIZAÇÃO PARCIAL DA SAGRADA FAMÍLIA: O ATEISMO
ESPIRITUALISTA DE JOSÉ SARAMAGO EM *O EVANGELHO SEGUNDO JESUS*
*CRISTO***

CAMPINA GRANDE

2023

ARMISTRONG DE ARAÚJO SOUTO

**A DESSACRALIZAÇÃO PARCIAL DA SAGRADA FAMÍLIA: O ATEISMO
ESPIRITUALISTA DE JOSÉ SARAMAGO EM *O EVANGELHO SEGUNDO JESUS
CRISTO***

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Coordenação do Curso de Graduação Letras
com habilitação em Língua Portuguesa da
Universidade Estadual da Paraíba, como
requisito parcial à obtenção do título de
Licenciado em Letras.

Área de concentração: Literatura.

Orientador: Prof. Dr. Luciano Justino

**CAMPINA GRANDE
2023**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

S728d Souto, Armstrong de Araujo.

A dessacralização parcial da sagrada família [manuscrito] : o ateísmo espiritualista de José Saramago em O Evangelho Segundo Jesus Cristo / Armstrong de Araujo Souto. - 2023.

15 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras Português) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2024.

"Orientação: Prof. Dr. Luciano Barbosa Justino, Coordenação do Curso de Letras Português - CEDUC. "

1. Evangelho. 2. Ateísmo. 3. Dessacralização. I. Título

21. ed. CDD 801.95

ARMISTRONG DE ARAUJO SOUTO

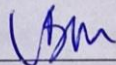
A DESSACRALIZAÇÃO PARCIAL DA SAGRADA FAMÍLIA: O ATEÍSMO
ESPIRITUALISTA DE SARAMAGO EM O EVANGELHO SEGUNDO JESUS
CRISTO

Trabalho de Conclusão de Curso em
Letras Português da Universidade
Estadual da Paraíba, como requisito
parcial à obtenção do título de Graduado
em Licenciatura Plena em Língua
Portuguesa.

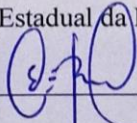
Área de concentração: Literatura

Aprovado em: 29/06/2023.

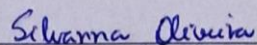
BANCA EXAMINADORA



Prof. Dr. Luciano Barbosa Justino (Orientador)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof. Dr. Eli Brandão da Silva
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Profa. Silvana Kelly Gomes de Oliveira
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	7
2	O ASPECTO LITERÁRIO-HISTÓRICO.....	8
3	O ATEISMO E A RECONFIGURAÇÃO DAS PERSONAGENS, EM O EVANGELHO SEGUNDO JESUS CRISTO, EM SEUS ASPECTOS SAGRADOS E PROFANOS.....	10
3.1	O Aspecto Sagrado.....	10
3.2	O Aspecto Profano.....	11
3.2.1	<i>A Prole Mariana da Virgem Maria.....</i>	11
3.2.2	<i>José e o Mea Culpa!.....</i>	12
3.2.3	<i>Um Diabo Angelicamente Professoral.....</i>	13
3.2.4	<i>Deus: Um Pai Como Outro Qualquer.....</i>	14
4	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	15
	REFERÊNCIAS.....	15

**A DESSACRALIZAÇÃO PARCIAL DA SAGRADA FAMÍLIA: O ATEISMO
ESPIRITUALISTA DE JOSÉ SARAMAGO EM *O EVANGELHO SEGUNDO JESUS
CRISTO***

**SACRED FAMILY'S PARTIAL DESSACRALIZATION: JOSÉ SARAMAGO'S
SPIRITUALIST ATHEISM ON THE EVANGEL ACCORDING TO JESUS CHRIST**

Armstrong de Araújo Souto¹

RESUMO

A obra saramaguiana, em estudo, parece conter, simultaneamente, uma discussão simples, complexa e complicada. Simples por trazer o propósito de, literariamente, destituir uma instituição considerada sagrada, a família de Jesus, de sua sacralidade, no que se refere ao imaginário popular, em boa parte do mundo. Contudo é complexa por envolver múltiplos aspectos como fatos ou dados históricos, traduções, textos, crenças, concepções filosóficas etc. E complicado porque pressupõe interpretações, subjetividades e as necessárias interconexões entre o histórico (em que pese a dificuldade de estabelecer a exatidão deste conceito) e o metafísico, o intangível, em alguma medida. É neste sentido que procuramos discutir a partir de (BACCEGA, 2007), (NETO, 2022) e (KOSLOWSKI, 2016), em que medida essa dessacralização ocorre. Se total, como entender que personagens como Deus e o Diabo estabelecem relações com seres, essencial e definitivamente, humanos, a exemplo de Maria, José e o próprio Jesus? Se parcial, o que cabe ao humano e ao sagrado? E o que estes dois conceitos querem, de algum modo, realmente, dizer? Embora a obra esteja apoiada em documentos considerados históricos, os quatro evangelhos canônicos, importa lembrar que não se trata, segundo o próprio Saramago fizesse questão de ressaltar, de um romance histórico.

Palavras-chave: Evangelho. Ateísmo. Dessacralização. Humanismo.

ABSTRACT

The saramaguian literary work, on study, it seems to contain, simultaneously, a simple discussion, complex and complicated. Simple because brings up the literary destitution purpose over a considered sacred institution, Jesu's Family, upon its sacrality, on its popular imaginary, most of the world. It's complex because involves multiple aspects such as data and historical facts, translations, texts, beliefs, philosophical conceptions etc. And it's complicated because presumes interpretations, subjectivities and those necessary interconnections between the metaphysic, the untochable, somehow. It's about it that we try to discuss, up from (BACCEGA, 2007), (NETO, 2022) and (KOSLOWSKI), how the dessacralization happens. If it does on its totallity, how to understand que characters such as God and the Devil stablsh relations to beings, essentially and definitely, humans, such as Mary, Joseph and Jesus himself? If it's a partial relation, what concerns to the human and to the sacred ones? And what these two concepts want to, somehow, really, mean? Despite the Saramago's work is based upo on whst's considered historical documents, the four canonic evangels, it's importante to consider tha it's not about, according to Saramago necessity to enphasize, of historic novel.

Keywords: Evangel. Ateism. Dessacralization. Humanism.

¹ Graduando em Letras Português

1 INTRODUÇÃO

FOTO 1:



FONTE: <https://desaramago.blogspot.com/2016/01/a-crucificacao-de-cristo-de-albrecht.html>

De acordo com Neto (2022), temos, em *O Evangelho Segundo Jesus Cristo* (doravante, *EJSC*), uma obra com quatro linhas importantes de análise. A saber: uma “[...] primeira, mais óbvia, encontra parte no diálogo entre os discursos ficcional e religioso [...]” que procura opor os elementos do sagrado, a partir dos evangelhos canônicos, contra o profano que permeia a obra, por meio do gênero romance. Uma segunda abordagem diz respeito ao tratamento que Saramago dispensa ao romance, centrado no pensamento humanista, quanto à construção da psique dos personagens. Algo que veremos, mais adiante, nos tópicos e subtópicos que discutem sobre José, Deus e o Diabo. A terceira possibilidade de entendimento, ainda segundo Neto (2022), transita entre duas abordagens: a filosófica e a psicanalítica, em estreita comunhão. Elementos como “identidade, a culpa, a alteridade, as dicotomias bem-mal, certo-errado, as variações e suscetibilidades do ser, os impasses do homem com o sagrado e deste com as volições humanas etc”. E, por último, mas não menos importante, embora não se constitua em objeto de análise deste artigo, temos uma,

“Outra linha, ainda, [que] se interessa mais por uma investigação textual, deslindando os processos de costura entre os textos arrolados da vasta pesquisa desenvolvida pelo escritor, sejam os diálogos que seu romance mantém com outras obras da literatura e das artes, o papel e as variações de tom do narrador, a construção da narrativa e de recursos como a ironia, a paródia, a carnavalização, o dialogismo, as infiltrações do lírico e do trágico”. (p. 67)

O ESJC parte de uma leitura à tela de Durer (1471 – 1528), extremamente, rica e inquietante, em se tratando de leitores, no sentido próprio do termo. Mas se pensarmos em leitores religiosamente institucionalizados ou canonicamente (de) formados, certamente, seria interpretada como herética, ou algo pior. O narrador parte da observação dos traços, posições das personagens, gestos, olhares, em função dos relatos dos textos sagrados, presentes na Bíblia, imergindo no universo interior de cada um dos retratados, numa espécie de “psicanálise” a fundamentar a ideia de que o divinal é muito mais humano do que foi dado a conhecer, e o profano é bem mais divino do que se costuma pensar. A sugestão, por exemplo, é de que Maria,

a Magdalena é muito mais do que uma mera seguidora de Jesus, no sentido apostólico. Ela o seguiria por amá-lo como homem que, naturalmente, o era, em que pese sua condição divina. E, nesse sentido, e mais importante, ela era correspondida em igual medida, caráter e força:

“Outra prova, esta fortíssima, robustece e afirma a identificação, e vem a ser que a dita mulher (QUARTA), ainda que um pouco amparando, com distraída mão, a extenuada mãe de Jesus, levanta, sim, para o alto o olhar, e este olhar, que é de autêntico e arrebatado amor, ascende com tal força que parece levar consigo o corpo todo, todo o seu ser carnal, como uma irradiante auréola capaz de fazer empalidecer o halo que já lhe está rodeando a cabeça e reduzindo pensamentos e emoções”. (p. 6)

Herético, talvez, mas pode-se questionar: em que medida o caráter divino do Mestre Galileu estaria diminuído, caso Jesus tenha estabelecido uma relação íntima, em todos os sentidos, com a Magdalena, ou com quem fosse? A “dor da alma” traduz algo mais que a perda de um profeta, um guia, um Rabi, mas a perda do companheiro, do homem, antes de qualquer coisa, amado como homem. A questão que se nos apresenta é: se não devemos ver Jesus como homem, por qual motivo veio ele ao mundo, nesta condição? Sem que se mencione vir à luz deste planeta, por meio de um parto normal. O humano Jesus, no intuito de satisfazer necessidades básicas, a exemplo de fome e sede, come e bebe, em inúmeras situações:

“Sentados à boca da caverna, sob a luz instável do archote, Jesus e o pastor comeram do queijo e do pão duro dos alforges. (p.187)

“1 Coríntios 11

...24e, logo após haver dado graças, o partiu e disse: “Isto é o meu corpo que é dado por vós. Fazei isto em memória de mim. 25Do mesmo modo, depois de comer, Ele tomou o cálice e declarou: “Este cálice é a nova aliança no meu sangue. Fazei isto todas as vezes que o beberdes, em memória de mim”.

Em suma, sendo Jesus tão humano em várias situações, torna-se difícil pensá-lo diferente, em termos erótico-afetivos. Não se trata, necessariamente, de dessacralizar, pura e simplesmente, sua figura, como um fim, em si mesmo, mas, bem mais de exaltar sua humanidade, tal como o dissemos, e, não menos importante, de reconfigurar, também, a importância da pessoa e dos sentimentos de Maria, a magdalena, de mulher de natureza “dissoluta”, alçada, segundo Saramago, à companheira do Messias.

2 O ASPECTO LITERÁRIO-HISTÓRICO

Em princípio, cumpre compreender que, embora estejamos tratando de uma obra que fala sobre um personagem bíblico, e tudo o que a isso se liga, e de que seja, em alguma instância, ou nível, passível de inúmeras reações de base “religiosa”, trata-se, antes de tudo de uma obra literária. Como tal deve ser analisada! Ainda que dela resultem discordâncias, em qualquer medida. Mesmo porque, parafraseando o próprio Saramago, cumpre a sua função de nos desassossegar. Retira-nos do lugar-comum, do senso comum, do rés-do-chão. Não é literatura por ser obra de um nobelado-canoniano (como se não bastasse um ou outro dos prêmios). Ainda que não houvesse um autor identificado seria literatura sem qualquer dúvida das sombras e das luzes. É o dito a partir do não dito, ou do omitido, e que é, absoluta e absurdamente, verossímil. Saramago, nesta obra, publicada em 1991, pela Editorial Caminho, propõe uma narrativa que desconstrói uma outra de dois mil anos para sugerir uma nova possibilidade: Jesus, Maria, Maria Magdalena, dentre outros como pessoas que vivem, tão somente, seu tempo histórico, cultural, profundamente, permeado por experiências, radicalmente, humanas.

Neste sentido, procuraremos apresentar fundamentos que possam elucidar as prováveis controvérsias, no romance em estudo, ainda que de modo superficial; no que toca à questão do ateísmo, no aspecto do autor, mas também, na obra, em si; nos elementos sagrados e profanos; bem como naquilo que diz respeito aos aspectos literário-históricos. Em suma, procuraremos demonstrar que a obra reflete um posicionamento que não abole, absolutamente, o elemento espiritualista. O discute em função de aspectos sociais, culturais e históricos, tão somente.

Segundo Eagleton (2019), “A distinção entre “fato” e “ficção”, [...] não parece nos ser muito útil. Uma das razões para isso é a própria distinção ser muitas vezes questionável”. Tal assertiva estabelece uma situação de estranhamento muito importante, no que se refere à questão da literariedade (objeto de amplo debate) e daquilo que Eagleton comenta sobre a “verdade “histórica” e verdade “artística””, em alusão às sagas irlandesas, mencionadas à página 2. Com isto pretendemos discutir, o mais apropriadamente possível, no plano da literatura e da história a “verdade”, não como algo inquestionável, mas como um vir-a-ser, possível, em relação ao ESJC.

Procuramos, portanto, entender que o romance em análise se utiliza de textos sagrados, considerados históricos, em alguma medida, bem como de textos históricos que expressam comportamentos culturais de um povo e de uma região, facilmente, identificáveis nos tempos de hoje. Na obra, fica evidente a exposição reiterada de situações e comportamentos, em que Saramago recorre ao conhecimento histórico sobre os costumes do povo da Galileia, a corroborar a tese de que a Sagrada Família, embora tenha contato com seres etéreos (anjos, p. ex.), Jesus, Maria, José, ainda assim, vivem em inquestionável atenção às necessidades e rotinas daquele contexto, em sentido amplo:

“Sobre os dotes de Maria, por enquanto, só procurando muito, e mesmo assim não acharíamos mais do que é legítimo esperar de quem não fez sequer dezasseis anos e, embora mulher casada, não passa duma rapariguinha frágil, por assim dizer dez-réis de gente, que também naquele tempo, sendo outros os dinheiros, não faltavam destas moedas. Apesar da fraca figura, Maria trabalha como as mais mulheres, cardando, fiando e tecendo as roupas da casa, cozendo todos os santos dias o pão da família no forno doméstico, descendo à fonte para acarretar a água, depois encosta acima, pelos íngremes carreiros, um gordo cântaro à cabeça, uma infusa apoiada no quadril, e indo depois, ao cair da tarde, por esses caminhos e descampados do Senhor, a apanhar gravetos de lenha e a rapar restolhos, levando por acrescento um cesto com que recolherá as bostas secas do gado, e também esses cardos e espinhosas que abundam nas declivosas alturas de Nazaré...” (p. 13)

Bacega (2007), ao estabelecer a relação entre o discurso da literatura e o discurso histórico, enfatiza que ambos são discursos ficcionais, uma vez que o ““real” se dá “com o indivíduo/sujeito que constrói tal discurso. ” Ao colocar a palavra real entre aspas, a autora parte do pressuposto que este conceito é produto do “papel ativo do sujeito no processo de conhecimento e o condicionamento social desse conhecimento. ” Ou seja, O ESJC resulta, em determinada medida, daquilo que Saramago possui como:

“formação ideológica/formação discursiva (no caso a história) que o encaminha para determinadas articulações dos fatos históricos, tomando em conta o que ele considera de importante na contemporaneidade histórica, numa visão que manifesta sua proposta de futuro. Assim ele constrói sua visão de futuro. (p. 71)

Contudo, a autora afirma que, em função, obviamente, da condição de ser o autor um “indivíduo/sujeito”, alguém pelo qual perpassam aspectos culturais, ideológicos, subjetivos dentre outros,

[...] o discurso literário, consideramos que, a par da condição de indivíduo/sujeito, com uma consciência verbalmente constituída numa formação ideológica

determinada, cabe também lembrar que literatura é arte e, como tal, faz crescer ao indivíduo/sujeito que elabora a obra literária a condição da consciência estética". (p. 71)

Neste sentido, Saramago, ainda que partindo de uma narrativa histórica ficcional, na perspectiva de Baccega, procura apresentá-la, nesse aspecto, o mais realista possível, de modo a configurar a sagrada família como inegavelmente uma família comum:

“No mês de Shevat floriram amendoeiras, e entrara-se já no mês de Adar, depois das festas de Purim, quando apareceram em Nazaré uns soldados romanos, dos que então andavam por Galileia, de povoado em cidade, de cidade em povoado, e outros pelas mais partes do reino de Herodes, Fazendo saber às populações que, por ordem de César Augusto, todas as famílias que tivessem o seu domicílio nas províncias governadas pelo cônsul Públio Sulpício Quirino estavam obrigadas a recensear-se e que o recenseamento, destinado, como outros, a pôr em dia o cadastro dos contribuintes de Roma, teria de ser feito, sem exceção, nos lugares donde essas famílias fossem originárias”. (p. 34)

São vários os textos, geralmente, de fontes religiosas institucionais que mencionam, dentre outros, o historiador Flávio Josefo, a dar conta do recenseamento supra mencionado. As discordâncias ou discrepâncias se situam, comumente, em relação à datas. A impressão que se tem é de que não há dúvidas quanto ao evento, em si, notadamente, no que se refere à família de Jesus, haver nele tomado parte.

3 O ATEISMO E A RECONFIGURAÇÃO DAS PERSONAGENS, EM O EVANGELHO SEGUNDO JESUS CRISTO, EM SEUS ASPECTOS SAGRADOS E PROFANOS.

3.1 O Aspecto Sagrado

A partir disso, segundo Usarski (apud Söderblom, 1913), “(...) a frase "é possível que uma verdadeira religião seja isenta de uma determinada concepção da divindade, mas não da distinção entre 'sagrado' e 'profano'" 28 pode parecer banal à primeira vista, mas, do ponto de vista epistemológico, é altamente problemática, uma vez que essa "identificação" do sagrado com relação ao profano não se trata de uma representação das convicções subjetivas de determinados "objetos" religiosos meramente registrados por um observador, mas de uma hipótese sobre a "natureza" e a "estrutura" ontológica da realidade”. Ontologicamente, tanto no plano da obra, quanto no da realidade histórica, Saramago não se distancia do entendimento geral sobre o que é, ou não, sagrado:

“Maria não respondeu, comia o pouco que lhe restara das lentilhas com cebola e das papas de grão-de-bico, acompanhando-as com um pedaço de pão untado de azeite. Ao parti-lo, dissera, como está escrito na lei, porém no tom modesto que convém à mulher, Louvado sejas tu, Adonai, nosso Deus, rei do universo, que fazes sair o pão da terra”.

Ao longo da obra, não aparece termo, expressão ou pensamento que desqualifique a relação das personagens com as demais, historicamente, reconhecidas como divinas, ou não, mas que, no caso do Diabo, por exemplo, não pertencem ao mundo dos homens. Embora o narrador exponha o que é a voz da personagem, a relação metafísica entre todos eles não é objeto, na obra, de controvérsias ou de negação:

José aproximou-se da talha das abluções, inclinou-a, fez correr a água sobre as mãos, e depois, enquanto as enxugava na própria túnica, louvou a Deus por, em sua sabedoria infinita, ter formado e criado no homem os orifícios e vasos que lhe são

necessários à vida, que se um deles se fechasse ou abrisse, não devendo, certa teria o homem a sua morte. Olhou José o céu, e em seu coração pasmou. (p. 10)

O trecho, a seguir, pode levar o leitor a entender que, segundo o narrador-onisciente (com ou sem trocadilho), o próprio Deus, também, é dessacralizado quando descrito como uma entidade que “não entende” determinados aspectos da condição humana, a exemplo do contato carnal entre Jesus e Maria, a Magdalena, “embora as tivesse criado”. O que pode ser interpretado pela chave do senso comum de que, sendo Deus um ser onisciente, onipresente e onipotente, tudo sabe, mas que fecha os olhos ao que, na Terra, é considerado pecaminoso, impuro, profano, mundano. Tem-se, então, um paradoxo, por excelência.

Deus, que está em toda a parte, estava ali, mas, sendo aquilo que é, um puro espírito, não podia ver como a pele de um tocava a pele do outro, como a carne dele penetrou a carne dela, criadas uma e outra para isso mesmo, e, provavelmente, já nem lá se encontraria quando a semente sagrada de José se derramou no sagrado interior de Maria, sagrados ambos por serem a fonte e a taça da vida, em verdade há coisas que o próprio Deus não entende, embora as tivesse criado. (p. 12)

Quanto ao Cristo, ao longo de toda a obra, o personagem vivencia todas as experiências próprias a quaisquer seres vivos. Elas vão da fome, alegria, tristeza, angústia, incerteza, passando pela relação conjugal, até a concepção de que é dotado de uma missão divina, embora possa decidir se a cumprirá, ou não. De acordo com Júnior (2021,

Tais sentimentos são estudados na obra do psiquiatra austríaco Carl Jung (1875-1961), *A natureza da Psique* (1960). Neste livro, o autor faz uma abordagem sobre a Teoria dos Arquétipos, ou seja, a dualidade da alma humana, onde Bem/Mal, Luz/Trevas e Verdade/Mentira estão sempre duelando entre si, sem haver um lado a ser escolhido. Nem Jesus, o Cordeiro perfeito, escapa de tal batalha.

3.2 O Aspecto Profano

3.2.1 A Prole Mariana da Virgem Maria

Seguindo a mesma linha de raciocínio, não faz sentido Maria casada com José, mãe de um filho, sem que houvesse qualquer relação íntima entre ambos. Admitamos, hipoteticamente, que alguma questão de ordem genética, no que tange a José, não fosse desejável, na composição dos caracteres genéticos do Mestre, o que a impediria de ter outros filhos? Isso a destituiria de qualquer importância? No trecho, a seguir, Saramago propõe, tomando por base elementos culturais e históricos, quanto ao comum da região da Galileia, daquele tempo, a família de Jesus, com a seguinte configuração:

“Porém, tendo em conta o grau de divulgação, operada por artes maiores e menores, destas iconografias, só um habitante doutro planeta, supondo que nele não se houvesse repetido alguma vez, ou mesmo estreado, este drama, só esse em verdade inimaginável ser ignoraria que a afligida mulher é a viúva de um carpinteiro chamado José e mãe de numerosos filhos e filhas, embora só um deles, por imperativos do destino ou de quem o governa, tenha vindo a prosperar, em vida mediocrementemente, mas maiormente depois da morte”. (p. 5)

A todo tempo, o narrador-autor traz o contexto histórico e lógico de personagens que estão, inexoravelmente, subordinados às condições históricas, sociais, culturais, religiosas (judaísmo), geográficas. Maria é, tão somente, uma mulher que casa muito jovem (costume da época), com um homem um pouco mais velho, e que, via de regra, deve cumprir com o que se

espera de uma “rapariguinha”, de então. Ter filhos, cuidar da casa, falar pouco, questionar nada, pensar no óbvio, ser submissa.

*“Durante uns poucos de anos não houve mais mudanças na família que nascerem novos filhos, além de duas filhas, e terem perdido os pais deles o último viço que lhes ficara da juventude. Em Maria não havia que estranhar, pois sabe-se como as prenhez, e de mais sendo tantas, acabam por dar cabo duma mulher, vai-se-lhes aos poucos a beleza e a frescura, se as tinham, emurhecem tristemente a cara e o corpo, basta ver que depois de”. **Tiago nasceu Lísia, depois de Lísia nasceu José, depois de José nasceu Judas, depois de Judas nasceu Simão, depois Lília, depois Justo, depois Samuel, e se mais algum veio, logo se finou, sem tempo de deixar registo. P. 73***

3.2.2 José e o Mea Culpa!

Situação difícil a de Jesus, quando vista sob a ótica de Saramago! No céu, se é que, assim, podemos situar, um Pai que guarda muita certeza, ou muito equilíbrio nas decisões que toma; na Terra, um pai tão humano quanto qualquer outro. Capaz, inclusive, de cometer erros repreensíveis, mesmo para os mais comuns dos mortais. O autor coloca a família “sagrada”, em duríssima viagem à Jerusalém, por ocasião do recenseamento imposto pelo (des) governo romano (sim, a história costuma se repetir). E é nesse contexto em que José descerá a níveis bem questionáveis de nobreza. Ao tomar conhecimento da decisão de Herodes, no ápice de seu tresloucado estado mental, de que todas as crianças com menos de 2 anos de idade, deveriam ser mortas, acreditando que as profecias sobre a vinda de um Messias que seria rei dos judeus, houvesse se concretizado. José sai em correria a reunir-se com Maria e o recém-nascido, no intuito de empreender fuga, em direção à Nazareth. Contudo ele esquece, ou não, em que pese haver problemas em ambas as situações, de espalhar a notícia pela vila de Belém, que poderia salvar a vida de algumas centenas de crianças.

“Devagar, como se temesse que o ouvissem, José recuou para a entrada da cova, esbarrando com Maria que não acatara a ordem. Toda ela tremia, Que gritos são aqueles, perguntou, mas o marido não lhe respondeu, empurrou-a para dentro e, em movimentos rápidos, começou a lançar terra sobre a fogueira. Que gritos eram aqueles, tornou a perguntar Maria, invisível na escuridão, e José respondeu, depois de um silêncio, Estão a matar gente. Fez uma pausa e acrescentou, como em segredo, Crianças, por ordem de Herodes, a voz quebrou-se num soluço seco, Por isso quis que partíssemos”. (p. 62)

O José, pai de Jesus, visitante muito rápido dos capítulos e versículos bíblicos, que costuma ser visto como figura boníssima, e de quem pouco ou nada se tem a falar, a não ser de seu caráter compreensivo, no que tange à gravidez de Maria, e de sua ausência, nesse sentido, é aquele a quem o narrador colocará na condição de “criminoso”, por omissão, dessacralizando-o, sem a menor das condescendências. Eis que Saramago coloca a figura de um “anjo” a visitar Maria e é ele quem lhe comunica do ato abominável de seu marido.

“Disse Maria, Que crime cometeu meu marido. Disse o anjo, Tu o sabes, não queiras ser tão criminosa como ele. Disse Maria, Juro. Disse o anjo, Não jures, ou então jura, se quiseres, que um juramento feito diante de mim é como um sopro de vento que não sabe aonde vai. Disse Maria, Que fizemos nós. Disse o anjo, Foi a crueldade de Herodes que fez desembainhar os punhais, mas o vosso egoísmo e cobardia foram as cordas que ataram os pés e as mãos das vítimas. Disse Maria, Que podia eu ter feito. Disse o anjo, Tu, nada, que o soubeste tarde de mais, mas o carpinteiro podia ter feito tudo, avisar a aldeia de que vinham aí os soldados a matar as crianças, ainda havia tempo para que os pais delas as levassem e fugissem, podiam, por exemplo, ir

esconder-se no deserto, fugir para o Egípto, à espera de que morresse Herodes, que está por pouco”. (p. 64)

O que leva José a pensar, apenas, em seu filho? Fosse José dotado de alguma consciência sobre uma possível angelitude de sua pessoa, teria ele se furtado a salvar a vida de outras crianças? Podemos culpa-lo por haver sido, fra(n)camente, humano? Não era esta a sua condição? Neto (2022) lembra que Saramago procura não apresentar o personagem José, apenas, como um ser rude, insensível, ou secundário na trama. Situação que se assemelharia à superficialidade presente nos evangelhos canônicos. Não se lhe nega o que Neto traz como “astúcia” ainda que dentro de uma normalidade, mas que retira a personagem do universo do mais comuns dos homens:

“Contudo, não se devendo medir os méritos dos homens apenas pela bitola das suas competências profissionais, convém dizer que, apesar da sua pouca idade, é este José do mais piedoso e justo que em Nazaré se pode encontrar, exacto na sinagoga, pontual no cumprimento dos deveres, e não tendo sido a sua fortuna tanta que o tivesse dotado Deus duma facúndia capaz de o distinguir dos mortais comuns, sabe discorrer com propriedade e comentar com acerto, mormente se vem a propósito introduzir no discurso alguma imagem ou metáfora relacionadas com o seu ofício, por exemplo, a carpintaria do universo”. (p. 13)

Embora simples e, de certo modo, rude José é alguém com profissão e com inserção na sinagoga, com poder de fala, e de refletir de modo a ser capaz de produzir metáforas e comparações entre a carpintaria e o universo, ou seja, entre o que ele e Deus guardam de comum. O humanismo de Saramago coloca o pai terreno de Jesus, em um ponto mais próximo da realidade do que pode ser encontrado, nos evangelhos.

3.2.3 Um Diabo Angelicamente Professoral

O diabo é outra personagem que Saramago transmuta em anjo da anunciação e professor de Jesus, nas artes do pastoreio, durante, ao menos, quatro anos, e que, de uma forma ou de outra passa a ocupar o lugar de terceiro pai, já que José não se encontra mais nos planos terrestres. Não se pode negar que é um diabo envolvente. Característica própria e necessária a um diabo que se preze. Envolver deve-lhe ser tão natural quanto providenciar as sugestões a um monarca, com vistas a ordenar a morte de umas poucas centenas de crianças. Nada que não lhe seja do *métier*!

*“[. . .] se Jesus saiu de casa em busca de um modelo de um pai novo para amar e respeitar, o encontrado não foi Deus, e sim, o Diabo. O pastor foi quem o acolheu, quem lhe ensinou o ofício de pastorear ovelhas – Jesus não chegou a aprender o ofício de carpintaria com José –, e quem o aconselhou a repensar sua fé. **O modelo paterno, que substituiu o pai morto e pecador de Jesus, foi o Diabo.** ‘Levaram sempre, enquanto juntos, uma boa vida, o homem ensinando sem impaciências de mais velho as artes da pastorícia, o rapaz aprendendo - as como se sua vida fosse depender maximamente delas’*. (p. 137)

A despeito das crenças, sejam elas à direita ou à esquerda de qualquer ponto de referência, em que outro universo, que não o literário, se poderia ter tal inversão de papéis? Deus não consegue ocupar o espaço deixado por José, mas o Diabo, o faz. Metáfora excelente a muito do que acontece, no plano real. De uma maneira, ou de outra, é o mítico Diabo quem aparece como orientador, aconselhador, pastor, condutor de almas solitárias ou em grupo, mundo afora. Embora a perspectiva, em o Evangelho segundo Jesus Cristo seja diferente, ou seja, colocar o Diabo diante de uma condição diferente daquela em que se apresenta, na Bíblia, não se pode negar que não chega a ser uma novidade completa a sua atuação como “príncipe da paz”.

Contudo convém entender que esta figura denominada Diabo, mais precisamente, o termo em si, não possui, ao longo de toda a história, o sentido que se lhe dá, atualmente. O Diabo não é uma entidade, um ser ou algo que o valha. Segundo Neto (2009) *apud* Nogueira, 2000),

O Diabo, por sua vez, entra na história um pouco mais tarde. Para a tradição judaica do Antigo Testamento, o Diabo não existia. A idéia de Mal “é algo indefinido, ou seja, ele existe, mas não é incorporado em uma determinada personagem” (NOGUEIRA, 2000, p.15). Mesmo em Jó, em que aparece a figura de Satã(cuja ação se resume em hostilizar, acusar, caluniar), a idéia de demônio ainda permanece pouco clara. É com o cristianismo que surge o anjo caído, o adversário de Deus, que se tornará a entidade do Mal, responsável por todas as tentações do homem (a tentação e queda de Adão e Eva, o condutor da adoração dos judeus ao bezerro de ouro, e assim por diante): a grandiosidade negada ao Diabo (Satã) pelo Antigo Testamento “será devidamente estabelecida pela literatura apócrifa e posteriormente reconhecida pelos Evangelhos e pelo Apocalipse de São João, onde Satanás assume o lugar de príncipe das trevas, responsável pela perdição do gênero humano. (NOGUEIRA, 2000, p. 22)”. (p. 3)

Neto dá continuidade à definição de diabo como adjetivo conferido a este ou aquele que se opõe a um outro, notadamente, no âmbito de processos jurídicos. E, neste sentido, ainda de acordo com Neto

Frye pontua, em O código dos códigos, que a partir da queda do homem se introduz uma metáfora jurídica que vai persistir ao longo de toda a Bíblia, segundo a qual a vida humana está em julgamento, com promotores e defensores. Nesta metáfora Jesus é o líder da defesa; o acusador chefe é Satã, o “diabolos”, uma palavra da qual deriva a nosso “diabo”, e que originalmente guardava o sentido de uma pessoa oposta à outra, num processo legal. (FRYE, 2004, p. 140) (p. 3)

Com isto, é possível pensar na personagem, o Diabo, em ESJC, como toda e qualquer personagem que se oponha a Deus, de qualquer maneira, em que pese a personagem Deus, na obra, não ser dotada de toda onisciência, onipotência ou onipresença. O “diabolos” é, por exemplo, o próprio narrador e, em última instância, o próprio Saramago, ao se contrapor ao pensamento judaico-cristão. O autor personifica o que é circunstância, no sentido que a palavra assumiu, ao longo dos tempos, e o torna personagem. Personagem que é metáfora de toda a condição humana, quando posta em referência à moral outrora judaica, posteriormente, cristã.

3.2.4 Deus: Um Pai Como Outro Qualquer

Em sentido e direção opostos, Saramago coloca Deus, e, aqui, estamos falando de uma visão desta entidade bastante próxima, ou diretamente, oriunda do Deus que aparece, no Velho Testamento. É um Deus parcial, vingativo, humano, em sua pior acepção. É aquele pai patriarcal que não abre espaço à condescendências ou gestos amorosos para com as suas criaturas. Principalmente se estas forem mulheres. Maria, por exemplo, Dele não desfruta de qualquer refresco, em sua condição de mulher nazarena, e pobre.

*“(...) o padecimento desta pobre mulher é igual ao de todas as outras mulheres, como foi determinado pelo Senhor Deus quando Eva errou por desobediência, **Aumentarei os sofrimentos da tua gravidez, os teus filhos nascerão entre dores, e hoje, passados já tantos séculos, com tanta dor acumulada, Deus ainda não se dá por satisfeito e a agonia continua**”. P. 44*

Segundo Barcellos (2008), trata-se de um Deus que não possui diferença de um ditador mundano qualquer. Tal como exposto, mais anteriormente.

“(...) o Deus do romance está insatisfeito por ser apenas o Deus dos judeus e quer expandir seu próprio culto e domínio a toda a humanidade, quer se tornar precisamente o Deus dos católicos, e, para tanto, encontra na culpa e na necessidade de sua expiação um elemento universal, capaz de ser utilizado como instrumento eficaz na obtenção de semelhante propósito. Deus, personagem do romance, é um grande estrategista, um fino conhecedor e hábil manipulador da psicologia social, um verdadeiro modelo para todos os ditadores e demagogos de ontem e de hoje:”

No romance Deus simboliza o catolicismo, e, praticamente, todas as suas dissensões, e sua milenar política de domínio, em vários sentidos, e em todo o mundo de almas que, de um modo ou de outro, se submetem à doutrina baseada no pecado, no medo, no dogma, no mirabolante, no hermenêutico. Doutrina que coloca no ser humano toda a responsabilidade, e devidos ônus, de haver sido “criado”.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por se tratar de um romance, de uma ficção, de um texto literário, O ESJC apoia-se, inegavelmente, em textos históricos, em que pese haver toda uma discussão, no âmbito da historiografia, quanto à autenticidade. Uma vez que historiadores afirmam não haver condições científicas de provar a veracidade dos fatos descritos nos evangelhos. Entretanto, esta discussão não é o objeto deste artigo, uma vez que o contrário, também, não pode se afirmado, ou seja, de que os textos não dizem respeito ao galileu conhecido como Jesus, o Cristo.

Embora exista a controvérsia, o que não é novidade no campo da Literatura, a exemplo do que acontece com Homero, a quem se atribui, historicamente, a autoria dos poemas épicos A Íliada e A Odisséia, o livro de Saramago não deixa de se configurar como um romance histórico que visa problematizar “verdades”, tidas como históricas, como sagradas, e nesse caso, institucionalmente, indiscutíveis, ou dogmáticas, tomando por espaço, âmbito, a Literatura.

Consideramos como parcial, portanto, a dessacralização da Sagrada Família, posto que os elementos que, tradicional e institucionalmente, se apresentam como sagrados, lotados, por assim dizer, no plano do metafísico, ou seja, para além do que se considera, newton-cartesianamente, realidade não são abolidos, negados ou trazidos a este plano, como forma de negar suas existências como concebe o senso comum, em geral. Saramago, tão somente, coloca em dúvida o caráter de cada uma delas, em oposição ao que a tradição dos textos sagrados apresenta, trazendo-as a uma condição de humanidade, ou de um humanismo, semelhante, ou equivalente, aos deuses da mitologia grega. Deus, Jesus, o Diabo são deuses olímpicos. Podemos entender dessacralização como humanização, em resumo.

REFERÊNCIAS

BACCEGA, Maria Aparecida, 1943- **Palavra e discurso: história e literatura** / 2ª ed. – São Paulo: Ática, 2007. 96 p. – Princípios: 246.

KOSLOWSKI, A.; SANTOS, V. **Revisão do Conceito de “Ateísmo” Na Literatura Contemporânea**. Sapere Aude, v. 7, n. 14, p. 810-826, 27 dez. 2016.

NETO, Pedro Fernandes de Oliveira. **“O Evangelho Segundo Jesus Cristo ou uma Possibilidade de Humanismo.”** *Revista de Estudos de Cultura* (2022): n. pag. 67. Acessado, em: 08/06/2023.

SARAMAGO, José de Sousa. **O Evangelho segundo Jesus Cristo**. Versão em PDF. 259 p.p.’

SOUZA, R. V. **Os Dois Lados da Mesma Moeda: Deus E O Diabo Em O Evangelho Segundo Jesus Cristo**. *Revista Desassossego*, [S. l.], v. 1, n. 2, p. 118-131, 2009. DOI: 10.11606/issn.2175-3180.v1i2p118-131. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/desassossego/article/view/47417>. Acesso em: 18 jun. 2023.

<http://desaramago.blogspot.com/2016/01/a-crucificacao-de-cristo-de-albrecht.html>, visitado, em 07/09/2019; (descrição pormenorizada da tela de Duré, no primeiro capítulo do livro);

<http://www.pastoraluniversitaria.puc-rio.br/2019/08/11/cristo-nao-e-o-sobrenome-de-jesus/>. Acessado, em: 03/03/2023.

https://bibliaportugues.com/1_corinthians/11-25.htm. Acessado, em: 03/03/2023.

<https://www.alamy.de/albrecht-durer-kreuzigung-wga-7118-image184972495.html> (foto 1). Acessado, em: 03/03/2023.

www.omarrare.uerj.br/numero8/jose.htm Número 8 (2008) - ISSN 1981-870X. Acessado, em: 07/03/2021.

AGRADECIMENTOS

A Deus, “inteligência suprema, causa primeira de todas as coisas” – O Livro dos Espíritos - Allan Kardec; às (os) mentoras (es) espirituais;

Genaro de Farias Souto, Maria Neide de Araújo Farias (in memoriam), pais detentores de minha altíssima estima e amor, bem como Cleber de Araújo Farias (in memoriam), irmão que não cheguei a conhecer, mas de quem tive notícias, deste e do outro plano;

Maristela de Barros Macêdo Souto e Nicholas de Macêdo Souto, esposa e filho, aos quais devo gratidão por muito, antes desta vida, nesta e por muito à frente;

a todas (os) que fazem o curso de Letras Português, de forma direta e indireta: coordenadoras (es), professoras (es), funcionárias (os); em especial ao Prof. Dr. Luciano Barbosa Justino (orientador) e às (os) profa. Ms.C. Silvana Kelly e prof. Dr. Eli Brandão (banca);

à (s) (os) bufólica (s) Itamar Matheus, Pedro Caio e Solange Diniz, bem como à Fernanda Veloso pela amizade, estímulo e apoio, bem como por todas as ideias e realizações!